

UM APELO À DESARTICULAÇÃO DO GÊNERO: HÉLÈNE CIXOUS E ITALO CALVINO EM DIÁLOGO

Marlon Augusto Barbosa (UFRJ/CNPQ)

RESUMO

O objetivo desta apresentação é estabelecer alguns comentários sobre a desarticulação da identidade do gênero romance. Para isso, partiremos dos comentários que Jacques Derrida traça sobre *Manhattan: Letters from Prehistory*, de Hélène Cixous, em seu livro *Gêneses, genealogias, gêneros e o gênio*. Nesse livro – transcrição de uma conferência pronunciada na abertura de um colóquio em homenagem à Cixous –, Derrida, a partir de um arquivo (obra e além-obra) doado para a Biblioteca Nacional da França, afirma ser possível pensar que o gênero oferece “uma hospitalidade generosa ao outro gênero, ao outro de qualquer gênero que venha parasitá-lo, habitá-lo ou manter seu hospedeiro refém” (DERRIDA, 2005, pág. 22). A partir dessa afirmação, se elaboram algumas questões: como é possível pensar, a partir de uma desarticulação do romance, uma ruptura na comunidade dos gêneros? Como *Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino, estaria impondo a uma instituição crítica uma lei implacável? De que maneira o “romance” de Italo Calvino interroga o “ensaio” de Derrida?

Palavras-chave: Italo Calvino, Hélène Cixous, Biblioteca, Gênero Literário.

ABSTRACT

The purpose of this presentation is to establish some comments about the disarticulation of the identity of the novel genre. To do this, we will start with Jacques Derrida's comments on Manhattan: Letters from Prehistory, by Hélène Cixous, in his book Genesis, Genealogies, Genres, and Genius (ver tradução do título). In this book - a transcript of a lecture given at the opening of a symposium in honor of Cixous - Derrida, from an archive (work and além -obra(?)) donated to the National Library of France, says that it is possible to think that the genre offers " a generous hospitality to the other genus, to the other of any kind that comes to parasitize it, inhabit it or keep its host hostage " (tradução livre do Derrida)(DERRIDA, 2005, page 22). From this statement, some questions are elaborated: how is it possible to think, from a disarticulation of the novel, a rupture in the community of the genres? How *Se um viajante numa noite de inverno*, by Italo Calvino, was imposing a ruthless law upon a critical institution? How does Italo Calvino's "novel" interrogate Derrida's "essay"?

Keywords: Italo Calvino, Hélène Cixous, Library, literary genre

Todo ato de encenar é, quase sempre, antecedido por um ensaio. O ensaio é, por excelência, o lugar da errância, do transitório, da oscilação e do desastre (EYBEN, 2017, pág. 88): lugar onde o eu se coloca em cena a partir de um desacordo com um princípio de regulamentação. É justamente contra um princípio de regulamentação da leitura que as primeiras linhas de *Se una notte d'inverno un viaggiatore* (1979), de Italo Calvino, encenam o seu próprio ensaio crítico: um ensaio sobre o impasse do leitor diante de uma novidade e de uma crítica ultrapassada, fechada em uma metodologia cientificista, pré-estabelecida, determinista e totalitária. Encenando a própria crítica que viria a ler o romance, o *Viajante* estabelece a sua própria crise teórica.

Partindo dessas considerações, o objetivo desta apresentação é estabelecer alguns comentários sobre a desarticulação da identidade do gênero romance. Para isso, partiremos dos comentários que Jacques Derrida traça sobre *Manhattan: Letters from Prehistory*, de Hélène Cixous, em seu livro *Gêneses, genealogias, gêneros e o gênio*. Nesse livro – transcrição de uma conferência pronunciada na abertura de um colóquio em homenagem à Cixous –, Derrida, a partir de um arquivo (obra e além-obra) doado para a Biblioteca Nacional da França, afirma ser possível pensar que o gênero oferece “uma hospitalidade generosa ao outro gênero, ao outro de qualquer gênero que venha parasitá-lo, habitá-lo ou manter seu hospedeiro refém” (DERRIDA, 2005, pág. 22). A partir dessa afirmação, se elaboram algumas questões: como é possível pensar, a partir de uma desarticulação do romance, uma ruptura na comunidade dos gêneros? Como o romance de Italo Calvino estaria impondo a uma instituição crítica uma lei implacável? De que maneira o “romance” de Italo Calvino interroga o “ensaio” de Derrida?

Entrelaçar duas bibliotecas (costurar em um único texto o tecido de duas obras que, como o gesto de Penélope, constantemente, se desfazem e se refazem no fundo de uma noite): a biblioteca de *Se um viajante numa noite de inverno* (1979), de Italo Calvino (1923 – 1985), e a biblioteca de *Manhattan: lettres de la préhistoire* (2002), de Hélène Cixous. Duas bibliotecas “fissionais” que parecem dramatizar o inconfessável. Estreitar um laço. No *Viajante*, um leitor que, em busca de uma biblioteca, se apaixona por uma leitora e precisa

[367] GARRAFA. Vol. 16, n. 45, Julho-Setembro 2018. “Um apelo à desarticulação...”, p. 365 – 374. ISSN 18092586.

constantemente reinventar o seu discurso sobre o amor e também sobre a posse de um livro. Entrelaçar à história desses dois leitores a *préhistoire* de uma pesquisadora/leitadora francesa que viaja para os Estados Unidos para consultar os manuscritos de alguns autores na Biblioteca da Universidade de Yale e também entrelaçar os arquivos que a própria Hélène Cixous doa para a Biblioteca Nacional da França (BNF): os esboços de sonhos, textos, cartas e fragmentos.

Recomeço resgatando duas cenas da literatura grega: uma épica e a outra trágica. A primeira, a épica, retirada da *Iliada*, de Homero, a história/cena de um presente grego: Ulisses, pela sua astúcia, insere no seio de Tróia um povo intruso. Intruso duplamente: dentro de um cavalo, dentro de uma cidade cercada por altos muros. Inserir como presente aos deuses o estrangeiro – [“o intruso, [segundo Jean-Luc Nancy] se introduz à força, de surpresa ou por astúcia” (Jean-Luc Nancy, 2014, pág. 23)]. Inserção que estabelece as ruínas de Tróia, estremece os seus muros e põe fim às certezas de uma conquista. A segunda cena, da tragédia de *Antígone*, de Sófocles, a cena em que Antígone coloca a sua própria lei diante da lei cosmológica e falocêntrica de Creonte. O que fazer diante da pergunta: “Tens o desprazer de pisar em normas?” (SÓFOCLES, 2009, pág. 53). Creonte como o senhor soberano que não se curva diante de uma mulher e Antígone como aquela que impõe a sua própria lei e também uma diferença.

Inserir no seio de uma biblioteca um arquivo que guarda em seu interior corpos estrangeiros. Como hospedar aquilo que estremece os seus próprios muros? Como pensar esse arquivo que gera tantas “incertezas ou aporias para quem quer que pretenda pôr ordem no coração de uma biblioteca? [Como colocar em ordem] entre a biblioteca e o que a cerca, o livro e o não-livro, a literatura e seus outros, o arquivável e o inarquivável” (DERRIDA, 2005, pág. 21)? Como questionar uma lei pelo feminino? Ressoa mais uma vez o nome de Antígone. O presente de Cixous, como a personagem trágica, questiona a lei da biblioteca, confrontando-a com as próprias leis da literatura: problemática inaudita imposta à instituição nacional. Derrida parte de um questionamento baseado nos sonhos escritos por Cixous. Como organizar, como classificar, como impor limites para a invasão incomensurável do sonho na gênese de sua escrita? Diante daquilo que ele vai chamar de a lei do sonho e que a própria Cixous vai encenar em *Manhattan*: “Os sonhos são teatros que jogam peças de aparência para introduzir outras peças inconfessáveis sob a cena de

confissão” (CIXOUS, 2002, pág. 12). Diante da lei do sonho, mas também diante da lei do feminino. Leis que impõem uma cesura no pensamento. Há um substrato kafkiano que retorna com o presente: vem uma mulher do campo e pede para entrar na lei. Mas também dar uma nova dimensão a palavra gênio. Afastá-la da tradição. Decliná-la no feminino [como ousar hoje, destronando a virilidade de um artigo definido (“o gênio” – valor masculino, singular) declinar este nome no feminino? (DERRIDA, 2005, pág. 6)]: a pergunta de Jacques Derrida é também uma pergunta sobre uma desarticulação dos gêneros: um desafio da hospitalidade “incondicional [dos gêneros] que nos submete a isso antes mesmo de qualquer condição, qualquer regra, qualquer norma, qualquer conceito, qualquer gênero, qualquer concernência genérica e genealógica” (DERRIDA, 2005, pág. 51).

Como escrever sobre as bibliotecas? Como escrever sobre esse presente grego aceito de bom grado pela Biblioteca Nacional da França (BNF)? Como escrever sobre esse presente/intruso que já carrega em seu corpo a marca de inúmeros outros intrusos e que expande os limites da biblioteca nos impedindo de identificar uma língua única, um único corpo? Eu esboço, eu arrisco uma primeira inserção: em Calvino, são tantas as possíveis entradas que o melhor que tenho a fazer é estabelecer um percurso, uma travessia de leitura (é preciso passar o bisturi laser invisível [entre os espaços]) (DERRIDA, 2005, pág. 37) – apresentar para vocês a passagem do primeiro capítulo do livro para um dos últimos: do espaço da livraria (esse espaço onde se adquire, onde se possui uma obra) para o espaço de uma biblioteca (esse outro espaço que só pode se dar pela ordem do empréstimo). É a partir dessa travessia que as bibliotecas, a de Calvino e a de Cixous, entram em diálogo e trazem à tona uma hospitalidade do gênero e a queda de uma posição soberana do leitor: que impede a posse, que resiste à instituição e que como a multiforme biblioteca de Borges, “[produz] o idioma inaudito que for necessário e os vocabulários e gramáticas desse [mesmo] idioma” (BORGES, 2007, pág. 76).

No primeiro capítulo do *Viajante* encontramos o leitor personagem em uma livraria, à procura do novo romance de Italo Calvino (construção irônica que incide sobre o nosso próprio ato de compra e de leitura – o limite entre a ficção e a realidade estremece).

Um narrador descreve a cena da compra: “após ter percorrido com o olhar os títulos dos volumes expostos na livraria, você se dirigiu a uma pilha de exemplares recém-impressos de ‘Se um viajante numa noite de inverno’, pegou um e o levou ao caixa para ver reconhecido o seu direito de possuí-lo” (CALVINO, 1999, pág. 14). Direito de posse – expressão perigosa, ter direito de possuir isso que é tido como objeto. Isso que não deixa de ser uma crítica velada ao fetichismo e o direito de posse na sociedade de consumo contemporânea (Adorno e Horkheimer, “Industrial cultural”), nos traz a tona algo que escapa a essa concepção: o livro que mesmo sendo comprado, não pode ser apreendido (Ver “All the king’s men”, de Guy Debord). Um direito de posse que não nos dá um poder completo sobre a obra. Esse poder se dissipa dentro do próprio livro. Os livros comprados pelo leitor personagem apresentam erros em suas fabricações. Um erro no corpo do livro, em seu suporte material. Os dois primeiros, por exemplo, segundo o narrador, “foram estampados de um só lado; depois, dobrados e encadernados como se a impressão estivesse completa” (CALVINO, 1999, pág. 49) provocando uma “desordem geral na paginação”. A totalidade da obra é desfeita. O leitor não pode terminar a leitura que, suspensa, se dá apenas como promessa. Assim, estamos diante de uma obra que, ao ser adquirida, perde o seu valor mercadológico, dá prejuízo. A pergunta levantada parece ser clara: qual é o valor mercadológico de uma obra defeituosa? Que encenação se dá a partir dessa construção?

Se por um lado encontramos no primeiro capítulo uma relação de fetiche e posse para com o romance de Italo Calvino e o início de uma ruptura do direito da posse, do direito do consumo, por outro, ao passo que seguimos a leitura, nós vamos nos afastando dos espaços em que mercadologicamente podemos possuir o livro. Temos uma sequência de espaços: a livraria, a universidade, a biblioteca particular de um professor, a editora, a casa de um escritor até que finalmente chegamos a uma biblioteca pública. A cena construída nessa biblioteca cria uma espécie de perturbação teórica da leitura e estabelece uma dimensão política e ética que não é só da leitura, mas também da escrita (Ver também *Políticas da escrita*, de Jacques Rancière): uma dimensão ética que dilacera um princípio de regulamentação. Esse dilaceramento se dá dentro de outra instituição que tem por método de funcionamento a própria regulamentação. A biblioteca de Calvino: um dos últimos espaços, mas também seria preciso pensar o próprio livro como biblioteca e seus dez romances inacabados. Um livro-biblioteca que carrega uma espécie de memória e

esquecimento do mundo. Há algo de confessional nessa biblioteca construída por Calvino que não apenas revela o inconfessável de uma cena de escrita, mas também de uma cena de leitura: o inconfessável que estremece os alicerces de uma lei, de qualquer lei soberana (DERRIDA, 2005, pág. 23).

Na cena da biblioteca, encontramos a presença das vozes de diversos leitores. O narrador estabelece um descanso para a viagem do leitor personagem: “Leitor, é hora de sua agitada navegação encontrar um ancoradouro. Que porto pode acolhê-lo com maior segurança que uma grande biblioteca? Certamente haverá uma cidade da qual partiu e à qual retorna depois de uma volta ao mundo de um livro a outro” (CALVINO, 1999, pág. 256). Na biblioteca, sete leitores se dirigem ao leitor personagem e teorizam, talvez sem saber, sobre a leitura. Todas as vozes praticam uma abertura teórica. Um exercício de despossessão. Cada um deles expressa um modo de se entender a leitura. Na fala de cada um deles estão inscritas diferentes posições teóricas que ajudam a pensar a construção de *Se um viajante numa noite de inverno*. Um coro em desacordo. Mas um desacordo necessário para que se abra um princípio ético sobre a obra literária. A biblioteca, depositária do livros e dos arquivos, corre o risco de se ver, pela estrutura retorcida do arquivo, desprovida de qualquer poder e autoridade sobre ele.

Perder o final dos romances. Perder a continuidade dos romances. A última esperança de encontrá-los em sua totalidade estaria em uma biblioteca. E de fato todos os romances interrompidos estão no catálogo da biblioteca (nesse sistema classificatório que permite encontrar as obras, demarcar os seus espaços pelo seus conteúdos). No entanto, o primeiro romance não pode ser encontrado por causa de um erro de catalogação, o segundo foi emprestado e não se sabe quando retorna, o terceiro está sendo encadernado, o quarto está conservado em uma ala fechada para obras da biblioteca e, assim, até o último... Nenhum dos dez romances encontra-se “disponível”. Calvino põe em cena assim, uma impossibilidade de apreensão. Com Jacques Derrida podemos afirmar: “o arquivo não se deixa levar, parecer resistir, dá trabalho, fomenta uma revolução contra o próprio poder ao qual simula se entregar, emprestar-se e mesmo doar-se” (DERRIDA, 2005, pág. 15). E aí está aquilo que poderíamos chamar de o poder da literatura: dar a ler ao mesmo tempo em que priva o leitor disso, ou, como diria Giorgio Agamben: “(...) aquilo que não posso ter, aquilo que, ao mesmo tempo, recua até o infinito e me empurra para adiante, não é mais

que uma representação da linguagem, o escuro [a viagem na noite de inverno] que pressupõe a luz” (AGAMBEN, Tradução de João Barrento, 1999, pág. 117).

As bibliotecas ficcionais de Calvino e também de Cixous se constroem à maneira dos sonhos, como um recinto teatral. Derrida resgata essa construção a partir de *Manhattan* de Cixous para pensar a biblioteca pelos mesmos princípios do inconsciente: “Define-se biblioteca em geral como este lugar destinado a guardar o segredo, mas desde que ele se perca. Perder um segredo, tanto pode querer dizer revelá-lo, publicá-lo, divulgá-lo, quanto guardá-lo tão profundamente na cripta de uma memória que ali fica esquecido ou que se deixa mesmo de compreendê-lo e de ter acesso a ele” (DERRIDA, 2005, pág. 24). Assim, a obra de Calvino e a de Cixous são “potencialmente incomensurável frente a qualquer biblioteca que supostamente deva abrigá-los, classificá-los, ordená-los. Maiores e mais poderosos que as bibliotecas que fingem ter a capacidade de abrigá-los, ainda que virtualmente, eles perturbam todos os espaços de arquivamento e de indexação pela desmesura da memória potencialmente infinita” (DERRIDA, 2005, pág. 18). Essas obras resistem ao direito de posse da instituição: a estrutura retorcida dos arquivos incide sobre as estruturas de poder.

Um breve excursão, ou: uma pequena instrução para se montar uma biblioteca: alguns meses atrás, eu percebo que os livros tomaram conta de todos os espaços da minha casa. Amplio e distribuo invariavelmente a quantidade de prateleiras. Quando termino, deixo um pequeno espaço para os livros do meu sobrinho. Ao saber que poderá organizar os seus livros juntos aos meus, ele me diz: “Você abriu um pequeno espaço para mim. Agora eu faço parte da sua biblioteca”. Uma longa pausa se estende e ele completa: “vou separar os livros da escola – os livros didáticos – dos livros de ficção. Coloco em sequência para me encontrar mais fácil”. Retribuo com um pequeno sorriso. Alguns meses depois, a Flavia me apresenta um livro intitulado *Gêneses, genealogias, gêneros e o gênio*, de Jacques Derrida. Uma pergunta permanece: quantos espaços cabem em uma biblioteca? Borges, mais uma vez, parece me responder: “Aqueles que o julgam limitado postulam que em lugares remotos os corredores e escadas e hexágonos podem inconcebivelmente cessar – o que é absurdo. Os que o imaginam sem limites esquecem que não é ilimitado o número possível de livros. Eu me atrevo a insinuar esta solução do antigo problema: ‘A Biblioteca é ilimitada e periódica’.

Se um viajante eterno a atravessasse em qualquer direção, comprovaria ao cabo de séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem (...). Minha solidão se alegra com essa elegante esperança” (BORGES, Trad. de Davi Arrigucci Jr., 2007, pág. 78).

Se o tempo me permitir, escrevo sobre a biblioteca.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Ideia da prosa**. Lisboa: Cotovia, 1999.

BENNINGTON, G. **Jacques Derrida por Geoffrey Bennington e Jacques Derrida**.

Tradução do francês de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

BORGES, J. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CALVINO, I. **Se um viajante numa noite de inverno**. Tradução do italiano de Nilson

Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CIXOUS, H. **Manhattan: lettres de la préhistoire**. Paris: Galilée, 2002.

DERRIDA, J. **Gêneses, genealogias, gênero e o gênio**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

EYBEN, P. **Abismo por paixão (ensaios)**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2017.

NANCY, J. “O intruso”. In: *Revista Polichinello*, 2014.

SÓFOCLES. **Antígone**. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2009.